O TRABALHO DA/DO ASSISTENTE SOCIAL NA AMAZÔNIA: reflexões críticas acerca dos desafios profissionais

Bianca Neves Arnaud[1]
Eliane de Castro Gomes[2]

RESUMO
O presente ensaio tem o objetivo de apresentar reflexões críticas do trabalho da/o assistente social na Amazônia, no tocante aos desafios profissionais em um contexto de exploração do capital que incide na profissão e na região, partindo do princípio que a lógica do capital afeta de maneira destrutiva vários âmbitos da vida social na Amazônia. Vale ressaltar que as reflexões aqui abordadas advêm de fundamentação de análises na teoria crítica, por meio de pesquisa bibliográfica, com base em autores clássicos, contemporâneos e regionais que discutem sobre a temática. Conclui-se que a atuação da/o assistente social na Amazônia ocorre entre desafios e tensionamentos, tendo em vista o tensionamento entre o projeto profissional/societário e a condição de trabalhadora/o assalariada/o. Ademais, destaca-se a especificidade de atuar em uma região particular que perpassa por uma trajetória de exploração e expropriação.

Palavras-chave: Trabalho na Amazônia; Serviço Social; Desafios Profissionais.

ABSTRACT
This essay aims to present critical reflections on the work of social workers in the Amazon, regarding professional challenges in a context of capital exploration that affects the profession and the region, assuming that the logic of capital affects destructive way in various spheres of social life in the Amazon. It is noteworthy that the reflections discussed here come from the foundation of analyzes in critical theory, through bibliographical research, based on classic, contemporary and regional authors who discuss the theme. It is concluded that the work of the social worker in the Amazon occurs between challenges and tensions, in view of the tension between the professional/corporate project and the condition of salaried worker. In addition, the specificity of acting is highlighted. in a particular region that goes through a trajectory of exploitation and expropriation.

Keywords: Work in the Amazon; Social Service; Professional Challenges.

[1]Graduada em Serviço Social pela Faculdade da Amazônia. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social pela Universidade Federal do Pará (PPGSS/UFPA). E-mail: biancaarnaud01@gmail.com
[2] Graduada em Serviço Social pela Faculdade da Amazônia. Especializando em Serviço Social e práticas em saúde básica e hospitalar pela Escola Superior da Amazônia (ESAMAZ). E-mail: eliane.gomesss1012@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho traz aos leitores reflexões críticas acerca do trabalho da/do assistente social na Amazônia, especialmente dos desafios profissionais. Refletir sobre a atuação profissional na Amazônia se torna necessário, haja vista que inseridas/os na divisão sócio técnica do trabalho, estabelecem relações de compra e venda da sua força de trabalho, portanto, sofrem os rebatimentos da alienação e precarização do trabalho como qualquer outra/o trabalhadora/o. Ademais, as/os assistentes sociais como trabalhadoras/os assalariadas/os detém de suas particularidades, dado que a/o profissional tem como objeto de trabalho (matéria prima) as expressões da questão social que são agudizadas na sociedade capitalista e atuam nas políticas sociais, as quais são cada vez mais desmontadas, seletivas e fragmentadas em um contexto ultraneoliberal de “enxugamento” do Estado.

Além do mais, frisa-se a região que estas/es profissionais estão postas/os e atuam, destaca-se aqui a Amazônia, por ser uma região particular que perpassa por uma trajetória de exploração e expropriação do capital, devido discursos imersos de poder e interesses, os quais concebem a Amazônia como uma região de extenso território que detém de uma imensa floresta e de diversas riquezas naturais, ocasionando, assim, olhares de interesse para a região com intuito de exploração que geram malefícios ambientais e culturais para as populações locais.

Seguindo essa linha de pensamento, a exploração do capital na Amazônia gera diversos agravos sociais que refletem a intensificação das expressões da questão social. Dessa forma, a partir dos elementos elencados e levando em consideração a atuação profissional, compreende-se que esse cenário traz complexos desafios ao trabalho das/dos assistentes sociais. Logo, esse contexto demanda particularidades profissionais para atuar em uma região com suas especificidades, em que cabe ao profissional estar munido de seu arcabouço teórico-metodológico, ético-político e técnico-operativo para decifrar as possibilidades interventivas no movimento da realidade vivida em plena barbárie social.

Nesta perspectiva, este texto tem o objetivo de apresentar reflexões críticas do trabalho da/o assistente social na Amazônia, no tocante aos desafios profissionais em

um contexto de exploração do capital que incide na profissão e na região, partindo do princípio que a lógica do capital afeta de maneira destrutiva em vários âmbitos da vida social na Amazônia. Vale ressaltar que as reflexões aqui abordadas advêm de fundamentação de análises na teoria crítica, por meio de pesquisa bibliográfica, com base em autores clássicos, contemporâneos e regionais que discutem sobre a temática.

Outrossim, a produção desse trabalho pretende contribuir com o arcabouço teórico que reflete acerca de temas relacionados ao trabalho profissional de assistentes sociais na Amazônia. Ressalta-se que são reflexões introdutórias e não se bastam aqui, mas que devem ser ampliadas e analisadas por profissionais e pesquisadores comprometidos com o projeto profissional e societário, visto que a pesquisa não tem significado estático e sim dialético, em função das constantes alterações do contexto social.

2 AMAZÔNIA: BREVES APONTAMENTOS DA REGIÃO

Para melhor compreender o trabalho da/o assistente social na Amazônia torna-se necessário entender o que é Amazônia. Em primeiro momento, ao pensar sobre o que é Amazônia remete-se ao imaginário social que concebe a região como um extenso território, o qual detém de uma imensa floresta e de diversas riquezas naturais. Entretanto, esses discursos “construídos” não contemplam a pluralidade da Amazônia, mas tem interesses muito bem delimitados, os quais se originaram a partir da chegada do *outro* e que permeiam a região com visões errôneas até os dias atuais.

Com base nos argumentos de Torres (2005) aponta-se que para a maioria dos brasileiros, a ideia do que significa a Amazônia não difere muito do quadro que os colonizadores portugueses do século XVI faziam do Brasil como um todo. A partir de uma visão de que o Brasil era um grande sistema ecológico natural, um território maravilhoso, região de riquezas infindáveis. Essa visão moldada pela tradição europeia teve uma função muito útil e disseminada por interesses econômicos, e que na Amazônia não ocorreu de maneira diferente. Sendo assim, para entender sobre o que estamos falando quando mencionamos a palavra Amazônia, traz-se um breve

resgate histórico que possibilita uma compreensão oposta as concepções eurocêntricas que permeiam a região.

Em consonância com os apontamentos de Loureiro (2002), partimos da concepção de que a trajetória da Amazônia tem sido de perdas e danos. Uma vez que a história da região, desde a chegada dos primeiros europeus até os dias atuais, tem sido marcada pela exploração e expropriação. Em virtude que,

> A Amazônia foi no passado "um lugar com um bom estoque de índios" para servirem de escravos, no dizer dos cronistas da época; uma fonte de lucros no período das "drogas do sertão", enriquecendo a Metrópole; ou ainda a maior produtora e exportadora de borracha, tornando-se uma das regiões mais rentáveis do mundo, numa certa fase. Na Segunda Guerra Mundial, fez um monumental esforço para produzir borracha para as tropas e equipamentos dos Aliados. Mas é mais recentemente que ela tem sido mais explorada: seja como fonte de ouro, como em Serra Pelada, que serviu para pagar parte da dívida nacional, deixando na região apenas as belas reproduções das fotografias que percorreram o mundo, mostrando a condição subumana do trabalho dos homens no garimpo; [...] a região vem se convertendo desde as últimas décadas num espaço onde se registram o conflito no campo, a miséria urbana e o desperdício de recursos naturais (LOUREIRO, 2002, p. 107).

Sendo assim, ao discorrer sobre a trajetória da Amazônia reporta-se a uma história de exploração, expropriação e violência que perpassa desde a colonização quando a região foi percebida como rentável economicamente, tornando-se um local de exploração, com o primeiro ato exploratório das chamadas "drogas do sertão", ciclo da borracha, até os dias atuais com desmatamentos, garimpos, agronegócios e grandes projetos do capital que além de causarem prejuízos para o meio ambiente, ocasionam diversos impactos para a população que vive na região.

A "descoberta" da Amazônia expressa um mascaramento da invasão, tendo em vista um cenário no qual os brancos europeus desconsideraram a existência de povos/etnias que já habitavam a região e no qual a expropriação e o saque foram os principais pontos dessa "conquista", gerando um quadro de exploração das terras e de exterminação dos povos originários. Nessa esteira, Souza (2019, p. 56) discorre que os europeus chegaram em busca de riqueza, assaltaram as populações indígenas, ocasionando um cenário de conflito e de muito sangue derramado, em que o mundo acabou em horror e outro começou a ser construído em meio ao assombro, e, portanto, foi diante desse contexto que a Amazônia foi inventada, pois "antes era a

terra do verão constante, a terra em que se ia jovem e voltava velho, a terra do sem-fim, o mundo primevo da selva tropical e suas sociedades tribais densamente povoando a várzea e espalhando-se pela terra firme".

Inclusive, Castro e Campos (2015) ressaltam que a partir da chegada dos brancos europeus foram inventados através de narrativas eurocêntricas – tendo por base a cultura europeia como "universal e superior" – a definição de lugares e a classificação do outro, em um contexto em que foram obscurecidos os processos intensos de mudanças vividos pelos povos indígenas com a descontinuidade de suas culturas e desterritorialização. Essas narrativas transpassadas por toda a região partilham com a visão dos colonizadores e não alcançam a dimensão bélica da ocupação da foz do rio Amazonas e do vale do Tocantins. Posto que a outra versão, contada pelos "vencidos", é marcada por conflitos, confrontos e extermínios, ficando obscurecida e negligenciada na história social da Amazônia.

Dessa forma, a chegada dos europeus na Amazônia ocasionou grandes modificações na vida dos povos que habitavam a região e, consequentemente, mudanças no espaço em si, de forma que negaram ao índio o direito de ser índio e com o sequestro da alteridade do índio, ficou sequestrada também a Amazônia. Sendo assim a Amazônia que conhecemos hoje e as noções que permeiam a região são frutos dessa cega perseverança de exploração na busca pela riqueza (SOUZA, 2019).

Em suma, a trajetória da Amazônia, desde a colonização até os diais atuais, tem sido um esforço para modificar a realidade regional, moldando o homem e a natureza à visão e à expectativa do homem de fora. Nesse sentindo, a concepção da Amazônia que muitos conhecem se baseia pelo olhar do *outro*, com uma visão eurocêntrica e distorcida da população e da região, a qual criou muitos mitos construídos com o imaginário do homem de fora, a partir de preconceitos que iniciaram com a chegada dos europeus e que permeiam a região até os dias atuais (LOUREIRO, 2002). Nessa perspectiva, a visão da Amazônia, a partir do *outro*, não contempla sua verdadeira identidade, mas encontram-se carregadas de interesses e poderes que ultrapassam o período da colonização da região amazônica e se mantem até hoje.

Neste sentido, é preciso compreender a Amazônia para além dessas noções, a partir de sua diversidade regional e populacional, comtemplando suas particularidades e heterogeneidades. Como aponta Trindade Jr (2006), compreender a Amazônia como unidade regional e ter em vista a existências de diversas "Amazônias", reconhecendo-a como um espaço particular que proporciona a mediação entre o universal e o singular. De forma que pensar a natureza, as expropriações, os conflitos, as perdas, as resistências e a espacialidade do tempo lento, permite pensar uma série de elementos que ajudam a entender a Amazônia na sua particularidade, como uma região e um espaço socialmente produzido. Isto é pensar a Amazônia não somente como uma imensa floresta e uma imensa bacia hidrográfica, mas também como um patrimônio de conhecimentos desenvolvidos com as condições de vida que os povos originários nos oferecem, englobando as diversidades da região e da população local.

Nesse sentido, somente a partir de uma visão crítica da região, há a possibilidade de compreender as suas particularidades e desvelar as contradições inerentes ao sistema capitalista que repercutem na região. Em alusão a essa questão Loureiro (2002) discorre que a Amazônia se tornou um cenário de exploração humana, pois, além da expropriação dos povos nativos e a sua exploração como força de trabalho para a devida expansão de grupos econômicos, outros povos brasileiros que migraram para a Amazônia em busca de melhores condições de vida, também foram incorporados ao ciclo de exploração da classe trabalhadora e desumana. Ainda, na visão da autora, pode-se observar um cenário contraditório na Amazônia, pois além da exploração do trabalho e de suas riquezas, a região não usufrui dos benefícios que são extraídos dela, ou seja, a Amazônia gera riqueza, mas a mesma não se vê e nem se concentra nela (Amazônia), na medida em que oferece recursos naturais, onde está inserida uma população carente e descartada de todos esses recursos, em razão de um sistema que busca somente o lucro.

Por conseguinte, segundo Mandel (1982), o capitalismo é um modo de produção orientado para o lucro, onde a taxa de mais valia exprime a repartição do valor entre capital e trabalho, isso reflete não só economicamente, mas também social política e cultural. Isto é o capitalismo sempre vai estabelecer relações de

desigualdades, pois essa é a sua fundamentação, ou seja, da mesma forma que o capital se reproduz, também se reproduz a marginalização das classes oprimida, pois uma é consequência da outra nessa trajetória. Logo essa lógica se expressa claramente na Amazônia, gerando, assim, diversos desafios aos profissionais de Serviço Social.

2.1 Os desafios da/o assistente social na divisão social e técnica do trabalho na Amazônia

A atuação da/o assistente social na Amazônia ocorre entre desafios e tensionamentos, na medida em que as transformações no mundo do trabalho, advindas da crise estrutural do capital e de sua reestruturação produtiva, impactam e afetam de maneira particular as condições de trabalho das/os profissionais que atuam nessa região. Ademais, vale destacar as particularidades dessas/es profissionais como trabalhadoras/es assalariadas/os em um contexto político/histórico que se vivencia, tendo em vista que essas/es profissionais vendem sua força de trabalho e sofre todos os ditames do capital como qualquer outro trabalhador/a.

Conforme Iamamoto (2010) a/o profissional dispõe de uma relativa autonomia, a qual é tencionada pela compra e venda de sua força de trabalho especializada a diferentes empregadores. A condição de trabalhadora/o assalariada/o das/os assistentes sociais é regulamentada por um contrato de trabalho que introduz o trabalho profissional a dilemas da alienação e determinações sociais que incidem na coletividade das/os trabalhadoras/es. Neste sentido, essa condição “envolve, necessariamente, a incorporação de parâmetros institucionais e trabalhistas que regulam as relações de trabalho, consubstanciadas no contrato de trabalho que estabelecem as condições em que esse trabalho se realiza” (IAMAMOTO, 2011, p. 218).

Dessa forma, refletir sobre a atuação das/os assistentes sociais, implica, segundo Gomes, Nascimento e Castilho (2021) compreender a/o profissional inserida/o em um cotidiano profissional, no qual a lógica de tensionamento e esgarçamento torna-se cada vez mais presentes, especialmente quando se reporta para a atuação profissional na região Amazônica, pois, de acordo com as autoras, “trabalhadoras/es e usuárias/os das políticas sociais experimentam cotidianamente o

tratamento desigual que é dirigido à Amazônia, como espaço físico diferenciado e ocupado por pessoas de 'menos valor', para qual qualquer coisa serve" (GOMES, NASCIMENTO E CASTILHO, 2021, p. 344).

No que se refere a região Amazônica atualmente têm-se vivenciado maiores diversidades de demandas que incidem nas condições de vida da população, a saber, os agravos nas políticas sociais, vem ocasionando um grande flagelo social, o qual vive paulatinamente diante de um sistema ultraneoliberal, que, na visão de Teixeira (2008, p.143), caracteriza-se como "novas tonalidades da velha expropriação do valor trabalho", que são apenas novas formas das expressões da questão social onde surgem novos desafios para as/os profissionais do serviço social. Portanto é a partir desses agravamentos que se apresentam desafios aos/as assistentes sociais, frente a uma sociedade que necessita de profissionais cada vez mais compromissadas/os com o projeto profissional para atuar frente às diversas expressões da questão social.

Em alusão a esse cenário, Teixeira (2008) discorre que a lógica destrutiva do capital não afeta somente a esfera econômica, mas atinge a sociedade como um todo, especialmente na Amazônia onde se modifica a cultura da população, os povos são expropriados de seus recursos naturais e desapropriados de suas terras, tal como é perceptível nas regiões dos grandes projetos. Esses fatores geram um inchaço populacional nos centros urbanos e periféricos, promovendo um distúrbio social, no que reverbera a carência de políticas sociais. Nesta esteira,

> Aceleram-se no campo das políticas sociais a privatização da seguridade social, com tendência à focalização e seletividade marcadas pelo caráter pontual, compensatório, fragmentário, seletivo, focalista e racista que incidem nas condições e relações de trabalho de assistentes sociais, sobretudo na perspectiva de apreender os limites, estratégias e desafios para a materialização dos princípios norteadores presentes no projeto profissional hegemônico (GOMES, NASCIMENTO E CASTILHO, 2021, p. 340).

Destarte, diante dessa conjuntura soma-se diversos desafios profissionais. Conforme Nunes (2018) os/as assistentes sociais são desafiados/as a intervir em questões complexas e contraditórias, as quais se apresentam no campo da imediaticidade e são mediadas por determinações que exigem das/os profissionais de serviço social respostas qualificadas as diferentes expressões da questão social. Sendo assim, destacam-se alguns dos diversos desafios profissionais nessa

conjuntura, a saber, viabilizar direitos no contexto neoliberal, no qual cada vez mais os direitos estão sendo usurpado e degradados; atuar em políticas sociais que se caracterizam cada vez mais em necropolítica e, pela correlação de força e tensionamentos nos espaços sócio-ocupacionais. Ao discorrer acerca da intervenção profissional no campo das políticas sociais, as autoras pontuam como um:

> [...] movimento em um campo extremamente tensionado por projetos profissionais e societários em disputa, em uma dinâmica que expressa as contradições e os interesses sociais públicos e privados no contexto de processos coletivos do trabalho. Nessas circunstâncias, os assistentes sociais se deparam com duas questões cruciais: a autonomia e a especificidade profissional. Em tese, significa enfrentar os dilemas que ainda persistem no debate sobre a prática profissional no serviço social e que no novo cenário brasileiro se reatualizam. (MIOTO e NOGUEIRA, 2013, p.65).

Logo, as/os profissionais são permeadas/os por diversos desafios em uma região tão particular como a Amazônia, inclusive como um dos principais desafios destaca-se sua condição de trabalhadora/o assalariada/o que tencionam o projeto Ético-Político, os quais fazem com que essas/es profissionais criem estratégias para consolidação do seu projeto profissional/societário. Nesse contexto de desafios, Teixeira (2008) retrata que a/o profissional tem apropriação de uma teoria crítica que permite analisar e intervir na realidade social. Em particular na Amazônia que todos os conflitos sociais de exploração e expropriação refletem para a população de diferentes maneiras tangenciando-se grandes agravos sociais. Assim, é necessário a/o profissional de Serviço Social ultrapassar a aparência da realidade, para construir mediações e (re) posicionar a ação profissional na construção de alternativas que possam contribuir para o enfrentamento das mais diversas manifestações das expressões da questão social.

Em meio a tantos desafios, faz-se necessário as/os profissionais de Serviço Social dotar-se de seu arcabouço teórico-metodológico, ético-político e técnico-operativo para enfrentar o cotidiano profissional. Portanto, um dos grandes desafios para a profissão também é de apreender a realidade e contradições na Amazônia, em que se exige da/o profissional uma leitura crítica da realidade global e local (CALVACANTE ET AL, 2011).

Por conseguinte, Conforme Nunes (2018), a profissão tem um dos principais instrumentos normativos, que leva o posicionamento profissional diante da realidade

crítica da sociedade. Portanto, tudo leva crê, que os princípios éticos que norteiam o exercício da profissão, exigem dos/das assistentes sociais, sobretudo, um esforço profissional no deciframento de tais manifestações, o que é absolutamente necessário para a construção de ação-critica, contra todas as formas de violação de direitos humanos, especialmente na Amazônia.

Cabe destacar o cenário atual vivenciado em escala global que carrega uma bandeira de incerteza e de novos desafios engendrados pelo agravamento da crise econômico-política-sanitário-cultural-social, em um contexto pandêmico, no qual as inflexões da pandemia agravam ainda mais os contornos de exploração e precarização advindos da sociedade do capital na Amazônia, ocasionando a exploração da força de trabalho, a desigualdade social e devastação da natureza. Isto é, a pandemia do novo Coronavírus traz grandes consequências para a classe que vive do trabalho, causando insegurança e instabilidade no emprego, crescimento do trabalho formal e precário, redução de salários, precarização nas relações de trabalho, sofrimento, adoecimento, entre outros aspectos. Caracterizando este contexto pandêmico, Mascaro pondera que;

> Não se pode limitar a pandemia do Coronavírus às chaves de explicação biológicas ou da natureza. Trata-se de uma crise eminentemente social e histórica. A reiterada fragilidade da relação humana com a natureza corresponde a uma parcela pequena dos problemas presentes. No fundamental, a dinâmica da crise evidenciada pela pandemia é do modelo de relação social, baseado na apreensão dos meios de produção pelas mãos de alguns e pela exclusão automática da maioria dos seres humanos das condições de sustentar materialmente sua existência, sustento que as classes desprovidas de capital são coagidas a obter mediante estratégias de venda de sua força de trabalho. O modo de produção capitalista é a crise (MASCARO, 2020, p.05).

Em suma, destaca-se que as reflexões elencadas aqui são somente alguns dos diversos entraves que as/os profissionais encontram na Amazônia, os quais podem influenciar na própria dimensão ético/profissional se as/os assistentes sociais não estiverem imbuídos de seu conhecimento e comprometimento ético-político, pois é notório o tensionamentos entre o projeto profissional e a condição de trabalhador assalariado. Sobretudo, frisa-se a atenção voltada para a conjuntura atual da COVID-19, tendo em vista que evidenciou ainda mais as problematizações causadas pelo sistema capitalista vigente, elucidou potencialmente as mazelas sociais e a

precarização no mundo do trabalho. Nesta direção, Antunes (2020) reitera que nesse quadro pandêmico a classe trabalhadora está sob o fogo cruzado entre a situação famélica e a contaminação do vírus, e, ainda, ressalta que esse cenário se acentua cada vez mais pela autocracia de Bolsonaro e a pragmática neoliberal de Guedes.

3 CONCLUSÃO

Este artigo dedicou-se na apresentação de reflexões críticas acerca do trabalho da/do assistente social na Amazônia, especialmente dos desafios profissionais. Neste sentido, elencam-se como desafios cotidianos a luta de um povo que sofre constantes mutações advindas do processo de transformação inerentes ao sistema capitalista. Um sistema que deixa um legado de violência na vida da população que foram e ainda são explorados e expropriados de suas próprias terras. Destacando aqui a/o assistente social inserida/o como parte da população local e trabalhadora/o assalariada/o.

A Amazônia brasileira, ainda apresenta um modelo endógeno de exploração em um cenario que predomina a produção de probreza e desigualdade social, com povos tradicionais vítimas das ações predatórias de um sistema capitalista selvagem dos ditos “civilizados”. Neste sentido, a Amazônia continua sendo palco de exploração de mão de obra e exportação de matéria-prima, gerando diversos agravos nas expressões da questão social e, assim, ocasionando desafios complexos para as/os profissionais que detém um compromisso com a classe trabalhadora.

Entretanto, cabe destacar que essas/es profissionais estão localizadas/os sob o prisma do compromisso ético/profissional embasado e instrumentalizado em pressupostos teórico/metodológico, ético/político e técnico/operativo que possibilitam aos profissionais atuarem e intervirem de forma crítica em uma sociedade cada vez mais explorada, precarizada e marginalizada, sob a égide de um Estado ultraneoliberal com um governo ultrarreacionário, no qual não tem a compressão de que politicas publicas precisam ser monitoradas para serem aprimoradas quando necessárias, ocasionando assim, profundas marcas que envolve toda a classe trabalhadora, marcada pela violação de direitos, precarização da vida e do trabalho.

Frente a esse contexto, evidencia-se as pontuações de Colin (2010), nas quais a autora elenca como desafios para a/o profissional de Serviço Social a necessidade

de lutar e resistir diante das adversidades sociais, viabilizando as atribuições e competências críticas profissionais para explorar as contradições da realidade, no que diz respeito à compreensão e explicação dos processos sociais, que buscam construir dimensões macroscópicas, direcionadas por valores e princípios pautados no Projeto Profissional, o qual está vinculado na defesa intransigente dos direitos humanos, buscando-o instrumentos fundamentais para buscar alternativas que coloquem o compromisso com a vida do indivíduo em primeiro lugar e lutando contra todas as formas de exploração e opressão na perspectiva da liberdade como valor ético central, a qual só pode ser alcançada na órbita da socialização da riqueza socialmente produzida e na direção da emancipação humana.

Tais circunstâncias, faz com que o Serviço Social esteja à frente de desafios que emerge de uma sociedade capitalista, que traz como consequência a “barbárie social”, portanto diante do compromisso ético-político possibilita aos profissionais a capacidade de fortalecer as estratégias de lutas coletivas e de resistências para buscar nova forma de sociabilidade livre das amarras do capital.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. Coronavírus [recurso eletrônico]: O trabalho sob fogo cruzado. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

CASTRO, Edna Ramos de; CAMPOS, Índio (org.). Formação Socioeconômica da Amazônia. Belém: Universidade Federal do Pará – UFPA, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos – NAEA, 2015.

CAVALCANTE, Andreia Santos; REIS, Milene Lima; LIRA, Suzete Araújo de. Interdisciplinaridade e Questão social: Novo paradigma no trabalho do Serviço Social na Amazônia em. 2011. Disponível em: https://www.ipea.gov.br . Acesso em: 26 de out. de 2019 às 10h23 min.

COLIN, Denise Ratamann Arruda. Seminário regional: trabalhadores do SUAS, 2010. Disponível em: https://www.mds.gov.br. Acesso em 02 de nov. 2019 às 15h12min.

GOMES, V. L. B.; NASCIMENTO, Maria Antonia Cardoso; CASTILHO, D. R. PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO PROFISSIONAL DA/O ASSISTENTE SOCIAL NA AMAZÔNIA BRASILEIRA: Particularidades do estado do Pará. O SOCIAL EM QUESTÃO (ONLINE), v. 01, p. 331-354-354, 2021.

IAMAMOTO. Marilda Villela. Serviço Social em tempos de capital fetiche: capital financeiro, trabalho e questão social, 4 ed. – São Paulo. Cortez, 2010.

LOUREIRO, V. Amazônia: uma história de perdas e danos, um futuro a (re)construir. Estudos Avançados 16 (45), 2002 p 107-121

MANDEL, Ernest. O capitalismo tardio. Tradução de Carlos Silveira Matos, Regis de Castro Andrade e Dinah de Abreu Azevedo – São Paulo: abril cultural, 1982.

MASCARO, Alysson Leandro. Crise e pandemia. 1 vol. Boitempo,2020.

MIOTO, Regina Celia Tamaso; NOGUEIRA, Vera Maria Ribeiro. Política social e Serviço Social: os desafios da intervenção profissional. R. Katál., Florianópolis, v. 16. n. esp., p. 61-71, 2013.

NUNES, Renata. Para além da aparência: o desafio de deciframento da categoria violência no exercício profissional do assistente social; serviço social, trabalho e políticas sociais (recursos eletrônicos): debates contemporâneos/organizadoras Luziele Tapajós et al Florianópolis, 2018, ed. UFSC

SOUZA, Márcio. História da Amazônia [recurso eletrônico]: do período pré-colombiano aos desafios do século XXI / Márcio Souza. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Record, 2019.

TEIXEIRA, Joaquina Barata. Meio ambiente: Amazônia e Serviço Social. Revista da Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, nº21. 2008.

TORRES, Maurício (org.). Amazônia revelada: os descaminhos ao longo da BR-163. Brasília: CNPq, 2005.

TRINDADE, Jr., Saint- Clair Cordeiro da. Pensando a Concepção de Amazônia. In. Silva, José Borzacchiello da; LIMA, Luiz Cruz; ELIAS, Denise. Org. Panorama da Geografia Brasileira.1. São Paulo: Annablume, 2006.